

NÃO ESTÁ OUVINDO OS CACHORROS LATIREM?

Juan Rulfo
Tradução: Eliane Zagury

– Você que vai aí em cima, Ignacio, diga se não está ouvindo algum sinal de alguma coisa, ou se não está vendo alguma luz em algum lugar.

- Não se vê nada.
- Já devemos estar perto.
- Sim, mas não se ouve nada.
- Veja bem.
- Não se vê nada.
- Coitado de você, Ignacio.

A sombra comprida e negra dos homens continuou se movimentando de cima para baixo, subindo nas pedras, diminuindo e crescendo, conforme avançava pela margem do arroio. Era uma única sombra, cambaleante.

A lua vinha saindo da terra, como uma labareda redonda.

– Já devemos estar chegando nesse povoado, Ignacio. Você que está com as orelhas de fora, preste atenção para ver se não escuta os cachorros latirem. Lembre-se de que nos disseram que Tonaya ficava bem atrás do morro. E há quantas horas já deixamos o morro! Lembre-se, Ignacio.

- Sim, mas não vejo sinal de nada.
- Estou ficando cansado.
- Desça-me.

O velho foi recuando até encontrar o paredão e se encostou ali, sem largar a carga dos seus ombros. Embora já lhe dobrassem as pernas, não queria se sentar, porque depois não poderia levantar o corpo de seu filho, que lá atrás, horas antes, tinham ajudado a colocar sobre os seus ombros. E assim o trouxera desde então.

- Como é que você está se sentindo?
- Mal.

Falava pouco. Cada vez menos. Havia momentos em que parecia dormir. Havia momentos em que parecia sentir frio. Tremia. Sabia quando o tremor atacava seu filho pelas sacudidelas que recebia e porque os pés dele fincavam-lhe nas ilhargas como esporas. Depois as mãos do filho, que vinham segurando o seu pescoço, balançavam-lhe a cabeça como se fosse um chocalho.

Ele cerrava os dentes para não morder a língua e quando aquilo acabava perguntava a ele:

- Está doendo muito?
- Um pouco – ele respondia.

Primeiro dissera: “Apeie-me aqui... Deixe-me aqui... Vá você sozinho. Eu alcanço você amanhã ou quando me recomposser um pouco.” Dissera isso assim umas cinqüenta vezes. Agora nem isso dizia mais.

Lá estava a lua. Na frente deles. Uma lua grande e vermelha que lhes enchia os olhos de luz e que espichava e escurecia mais a sua sombra sobre a terra.

– Não enxergo mais por onde estou indo – dizia ele.

Mas ninguém respondia.

O outro ia lá em cima, todo iluminado pela lua, com o rosto descolorido, sem sangue, refletindo uma luz opaca. E ele cá em baixo.

– Ouviu, Ignacio? Estou dizendo que não enxergo bem.

E o outro ficava calado.

Continuou andando, aos tropeções. Encolhia o corpo e depois o erguia, para tornar a tropeçar de novo.

– Isso não é caminho. Disseram que atrás do morro ficava Tonaya. Já passamos pelo morro. E não se vê Tonaya, nem se ouve nenhum ruído que diga que está perto. Por que é que você não quer me dizer o que está vendo, você que está indo aí em cima, Ignacio?

– Quero descer, pai.
– Você está se sentindo mal?
– Sim.
– Vou levar você a Tonaya, logo que puder. Vou encontrar quem cuide de você. Dizem que lá existe um médico. Vou levar a ele. Trouxe você carregado durante horas e não o vou deixar jogado por aí, para que acabem com você, quem quer que sejam eles.

Cambaleou um pouco. Deu dois ou três passos de lado e tornou a se apumar.

– Vou levar você a Tonaya.
– Quero descer.
Sua voz ficou baixinha, mal murmurando:
– Quero me deitar um pouco.
– Durma aí em cima. Afinal, estou levando você bem seguro.

A lua ia subindo, quase azul, sobre um céu claro. O rosto do velho, molhado de suor, encheu-se de luz. Escondeu os olhos para não olhar de frente, já que não podia abaixar a cabeça, segura pelas mãos do filho.

– Tudo isto que estou fazendo, não estou fazendo pelo senhor, não. Estou fazendo é pela sua falecida mãe. Porque o senhor é filho dela. É por isso que estou fazendo. Ela ia me recriminar, se eu o tivesse deixado jogado lá onde o encontrei, e não o tivesse apanhado para levar para onde o possam curar, conforme estou fazendo. É ela que me dá ânimo, não o senhor. A começar que não lhe devo além de dificuldades, sofrimentos, vergonhas.

Suava ao falar. Mas o vento da noite secava-lhe o suor. E sobre o suor seco, tornava a suar.

– Vou ficar extenuado, mas chego com o senhor a Tonaya, para que aliviem essas feridas que lhe fizeram. E estou certo de que, quando o senhor se sentir bem, vai voltar para o seu mau caminho. Isso já não me importa. Desde que vá para longe, onde eu não torne a saber do senhor. Sendo assim... Porque para mim o senhor não é mais meu filho. Maldisse o sangue meu que o senhor tem. A parte que me cabia, maldisse. Disse: “Que apodreça nos rins o sangue que lhe dei!” Disse isso, quando soube que o senhor andava trafegando pelas estradas, vivendo de roubo e matando gente... E gente boa. Aí está o meu compadre Tranquillino. O que batizou o senhor. Que lhe deu o seu nome. Ele também teve a má sorte de encontrar com o senhor. Desde então eu disse: “Este não pode ser o meu filho.”

– Olhe para ver se você já vê alguma coisa. Ou se escuta alguma coisa. Você que pode fazer isso daí de cima, porque já estou me sentindo surdo.
– Não estou vendo nada.
– Pior para você, Ignacio.
– Estou com sede.

– Agüente um pouco! Já devemos estar perto. O que acontece é que já é tarde da noite e devem ter apagado as luzes do povoado. Mas pelo menos você

devia ouvir se os cachorros estão latindo. Tente ouvir.

– Quero água.
– Aqui não há água. Só há pedras. Espere. E mesmo que houvesse, eu não ia descer você para beber água. Ninguém ia me ajudar a subir você outra vez e eu sozinho não consigo.

– Estou com muita sede e muito sono.
– Estou me lembrando de quando você nasceu. Já era assim. Acordava com fome e comia para tornar a dormir. E sua mãe lhe dava água, porque você já tinha acabado com o leite dela. Não tinha medida. E você era muito raivoso. Nunca pensei que com o tempo aquela raiva fosse subir para a sua cabeça... Mas foi assim. Sua mãe, que em paz descansa, queria que você se criasse forte. Pensava que quando você crescesse seria o seu sustento. Só teve você. O outro filho que ia ter a matou. E você a teria matado outra vez, se ela estivesse viva a estas alturas.

Sentiu que aquele homem que levava sobre os ombros deixou de apertar os joelhos e começou a soltar os pés, balançando-os de uma lado para o outro. Pareceu-lhe que a cabeça, lá em cima, sacudia como se soluçasse.

Sobre o cabelo sentiu que caíam gotas grossas, como de lágrimas.

– Está chorando, Ignacio? A lembrança de sua mãe faz o senhor chorar, não é? Mas o senhor nunca fez nada por ela. Sempre pagou mal a nós. Parece que em lugar de amor, recheamos seu corpo de maldade. Está vendo? Agora o feriram. O que foi que aconteceu com os seus amigos? Foram todos mortos. Mas não tinham ninguém. Eles bem que poderiam ter dito: “Não temos a quem oferecer a nossa pena.” Mas, e o senhor, seu Ignacio?

Aí estava o povoado, já. Viu brilhar os telhados sob a luz da lua. Teve a impressão de que o peso de seu filho o esmagava, ao sentir que seus joelhos dobravam no último esforço. Ao chegar ao primeiro telheiro, recostou-se ao muro da calçada e soltou o corpo, frouxo, como se o tivessem desconjuntado.

Despreendeu com dificuldade os dedos com que seu filho viera se segurando no seu pescoço e, ao ficar livre, ouviu que para todo lado latiam os cachorros.

– E você não ouvia, Ignacio? – disse –. Você não me ajudou nem mesmo com esta esperança.

São Paulo perseguiu, matou pobres cristãos...
São Pedro renegou Jesus, perante a morte...
Tomé se recusou a crer nos seus irmãos...
Jesus, com a chibata, em seu templo foi forte.

E tantos santos mais, nessa imensa Coorte, na sua humanidade apresentam desvios na crença ou em questões de variada sorte, sem caridade e amor, lembrando atos pagãos...

E todos, entretanto, encarados de frente – ante as regras da vida, em que se dedicaram a Deus, com seu fervor – pela Igreja exigente,

a todos, desde o rei até o anacoreta, entre salmos de amor e fé, santificaram, a todos... menos um! Por quê, Padre Anchieta?

Anchieta, Adélia Victória Ferreira (Jornal Fanal 01.98, n° 509)

¿Te hablaron ya de Río, del Pan, del Corcovado y el sanguinario estío?

¿Te han hablado?

De la boite encendida

y el salón apagado, del verdor de la vida, ¿te han hablado?

Del carnaval rupestre, semental desbocado, rojo arcángel terrestre, ¿te han hablado?

Del mar y la campaña, del cielo repujado, que ni una nube empaña, ¿te han hablado?

Yo te hablo de otro Río: del Río de Janeiro, de no-techo, sí-frío, hambre-sí, no-cruzeiro.

Del llanto sin pañuelo, del pecho sin escudo, de la trampa y el vuelo, de la sogá y el nudo.

El jazz en la soirée sacude el aire denso; yo pienso en el café (y lloro cuando pienso).

Más pienso en la favela. La vida allí estancada es un ojo que vela. Y pienso en la alborada.

¿Te hablaron ya de Río, com su puñal clavado en el pecho sombrío? ¿Te han hablado?

Rio, 1953
Canción Carioca, Nicolás Cristóbal Guillén Batista (1902/1989)

Salta de puente en puente y sueñas con un río, como una solterona que espera en vano a un hijo. Tú, llena de puente, secos sobre el gentío.

São Paulo, Nicolás Guillén

¡Ay, pobre doña María, ella que no sabe nada! Su hijo, el de la piel manchada, a sueldo en la policía.

Ayer, taimado y sutil, rondando anduvo mi casa. ¡Pasa! – pensé al verle –. ¡Pasa! (Iba de traje civil.)

Señora tan respetada, la pobre doña María, con un hijo policía, y ella que no sabe nada.

La Habana, 1952
Doña María, Nicolás Guillén

Murió callada y provincial. Tenía llenos los ojos de paz fría, de lluvia lenta y lenta melodia. Su voz, como un cristal esmerilado, anunciaba un resplandor encerrado. Se llamó, la llamaban vagamente Lucía. (En este breve mármol ha quedado toda su biografía.)

La Habana, 1953
Epitafio para Lucía, Nicolás Guillén
(ao escritor e educador uruguaio Jesualdo Sosa)

Virgen de la Caridad, que desde un peñón de cobre esperanza das al pobre y al rico seguridad. En tu criolla bondad, ¡oh madre!, siempre creí, por eso pido de ti que si esa bondad me alcanza des al rico la esperanza, la seguridad a mí.

A La Virgen de La Caridad, Nicolás Guillén